

O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NO EXTERNATO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, DE CACHOEIRA DO CAMPO, MINAS GERAIS (1910 - 1914)

Juliana Goretti Aparecida Braga Viegas¹

Antônio Augusto Gomes Batista (Orientador)²

Ana Maria de Oliveira Galvão (Co-orientadora)³

Universidade Federal de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca analisar e compreender como se configurava o ensino da leitura e da escrita, no Externato Nossa Senhora Auxiliadora, criado e administrado por Irmãs da Congregação Salesiana, localizado em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, entre os anos de 1910 e 1914. A presente investigação integra uma pesquisa⁴ mais ampla que objetiva, por meio de estudos monográficos, agrupar elementos para a construção de uma história da cultura escrita no Brasil, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Uma das razões que levaram à escolha do estudo da referida instituição foi o fato de que dois dos indivíduos inquiridos por duas das pesquisas integrantes da investigação mais ampla estudaram em colégios salesianos, sendo que um deles frequentou justamente o Externato Nossa Senhora Auxiliadora, entre os anos de 1910 e 1914. Esse indivíduo, filho mais velho de uma família de poucas posses e de pouca instrução, nasceu em Cachoeira do Campo, em 1903. Ele cursou o primário no Externato Nossa Senhora Auxiliadora, formando-se, segundo suas próprias palavras, com louvor. Contudo, após sua formatura, teve que abandonar os estudos para trabalhar e sustentar sua família. Mesmo com uma baixa escolarização, esse indivíduo realizou uma bem sucedida inserção no universo da cultura escrita. Para compreender como tal inserção ocorreu, estão sendo investigadas esferas sociais pelas quais esse indivíduo circulou, como a do trabalho, por exemplo. Apesar desse sujeito ter frequentado a escola por pouco tempo, é importante saber quais impactos ela realizou em seu processo de inserção na cultura escrita, por este motivo o presente estudo está investigando o ensino da leitura e da escrita na instituição e no período mencionados acima⁵.

¹ Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Professor Pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e do CNPq.

³ Professora Pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e do CNPq.

⁴ A pesquisa *Entrando na Cultura Escrita: Percursos Individuais, Familiares e Sociais nos Séculos XIX e XX* é de natureza interinstitucional, agrega pesquisadores das universidades federais de Minas Gerais, Pernambuco e Santa Maria e do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC), da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

⁵ Dados obtidos de Batista e Galvão (2004).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa está inserida em um grupo de estudos que tem explorado campos novos e férteis da história da educação, como por exemplo, os que correspondem à história das instituições escolares, à história do ensino da leitura e da escrita e à das disciplinas escolares. Tais campos, apesar de apresentarem grandes possibilidades de pesquisa e conhecimento, ainda são explorados de forma insuficiente. Esta incursão por desconhecidas e promissoras áreas da investigação historiográfica tem acontecido de forma cada vez mais intensa nos últimos anos, após várias renovações ocorridas no campo da história⁶. Neste trabalho, além de abordar os referidos campos de estudos, também será explorada a trajetória da Congregação Salesiana, a qual pertencem as irmãs que administravam o Externato Nossa Senhora Auxiliadora.

História das Instituições Escolares

De acordo com Magalhães (1998), a história da educação busca reconstruir e representar fenômenos educacionais de acordo com uma perspectiva historiográfica, ou seja, procura reconstruir um contexto multifacetado e, por isso mesmo, extremamente complexo. No interior desta complexidade surgem as hipóteses-problema que darão origem aos mais diversos trabalhos. Neste universo educacional polissêmico e multidimensional encontram-se as instituições educativas que possuem uma cultura pedagógica permeada por práticas, idéias, desejos e interesses diversos, de acordo com suas funções, seus membros, os conteúdos que ministram. Elas fazem parte de um período histórico que condiciona as relações que as constitui e o papel que exercem. Cada instituição produz um conjunto de diretrizes político-pedagógicas de acordo com o seu público alvo. Desta forma, procura-se compreender neste trabalho quais práticas educativas relacionadas ao ensino da leitura e da escrita eram desenvolvidas no Externato Nossa Senhora Auxiliadora, quais eram os elementos que compunham a chamada cultura pedagógica daquela instituição e que configuravam o ensino da leitura e da escrita de uma maneira e não de outra.

As ações, idéias, intenções e projetos que fazem parte do cotidiano de uma escola são extremamente importantes para se compreender o processo educacional. Contudo, como aponta Magalhães (1998), grande parte destes elementos acaba não sendo registrada de alguma maneira e perde-se no tempo e no espaço. Diante deste quadro de perda de importantes elementos que integram o fenômeno educacional em sua totalidade, a história das instituições escolares tem por objetivo reconstruir cenários e contextos esquecidos, utilizando para tanto não somente fontes orais,

⁶ Para um maior aprofundamento a respeito das transformações ocorridas no campo da história ver Burke (1992), Le Goff (1990) e Reis (2000).

mas também crônicas, textos diversos, fotografias e outros tipos de documentos escritos ou não, como é o caso desta pesquisa.

Compreender o cotidiano de uma escola exige um mergulho profundo em seus aspectos internos, no ambiente externo no qual estava imersa durante o período analisado e em sua estrutura organizacional, bem como nos modelos e práticas educativas que lhe conferiam identidade. Além disso, exige também a contraposição de diversas fontes (Gatti Júnior, 2002). Assim, é importante estar atento a fatores como o perfil dos docentes que lecionavam na instituição investigada no período analisado, às características dos alunos que compunham o público-alvo do Externato, à estrutura político-pedagógica, procurando analisar qual o sentido conferido a todos estes elementos nas fontes que serão utilizadas e verificar em que medida o contexto social, político, econômico e cultural de Cachoeira do Campo contribuiu para delinear o ensino da leitura e da escrita naquela instituição.

Magalhães (1998) afirma ainda que a estrutura de poder que perpassa a instituição, bem como as relações de poder estabelecidas com o contexto externo e as maneiras de participação dos corpos docente e discente precisam ser avaliados com cuidado e atenção, por isso este fator também é de extrema importância para este trabalho. Afinal, eles contribuem, como salienta Gatti Júnior (2002), para conferir uma identidade histórica ao ensino da leitura e da escrita desenvolvido no Externato.

História das Disciplinas Escolares

Outro campo de estudos relevante para este trabalho é o que se refere à história das disciplinas escolares. A principal meta das pesquisas que têm sido feitas nessa área é identificar e explicar as mudanças ocorridas em uma disciplina ao longo do tempo. Assim, é possível apreender quais fatores estão diretamente relacionados às transformações nos conteúdos e técnicas de ensino, fato que permite a articulação de propostas mais sólidas de alteração ou implementação de mudanças nos currículos (Santos, 1990). No caso deste estudo, especificamente, um dos objetivos é compreender quais aspectos estão relacionados direta e indiretamente à configuração ou configurações conferidas ao ensino da leitura e da escrita de uma determinada instituição, num período de quatro anos.

Santos (1990) defende o argumento de que o desenvolvimento de uma determinada disciplina escolar é regulado por elementos internos e externos. Os primeiros elementos relacionam-se a fatores de uma escala mais micro, ou seja, às condições de trabalho na área, por exemplo. Os últimos têm estreita relação com aspectos de uma esfera mais macro, como as políticas educacionais e o contexto sócio-econômico. Desta maneira, pode-se levantar as seguintes questões: que fatores internos e externos influenciaram o desenvolvimento do ensino da leitura e da escrita no Externato Nossa Senhora Auxiliadora? Tais fatores sofreram alguma mudança durante o período investigado que possa ter alterado este processo de

ensino? Que tendências predominaram entre os anos de 1910 e 1914 que afetaram a sistematização dos conteúdos e métodos naquela área de ensino?

Permeado por diversas abordagens, este novo campo de estudos, como afirma Gonçalves (2004), ajuda a entender o que acontece no espaço escolar e, principalmente, auxilia no processo de compreensão daqueles elementos que compõem a chamada cultura escolar. Esta refere-se:

“...a um conjunto de normas que definem conhecimentos e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)” (JULIA, 2001, p.10).

A instituição escolar, como aponta Chervel (1990), produz uma cultura particular, além disso, não apenas transmite saberes, mas pode criá-los com finalidades específicas. Sendo assim, também se constitui como um dos objetivos deste trabalho analisar que tipo de cultura escolar foi criada pelo Externato Nossa Senhora Auxiliadora, quais saberes esta instituição transmitiu e construiu no que tange ao ensino da leitura e da escrita, e ainda, quais eram as finalidades do conteúdo daquela disciplina, finalidades estas que podem ser de diversas naturezas como religiosa, sócio-política, psicológica e cultural.

História do Ensino da Leitura e da Escrita

Muitos pesquisadores têm elaborado trabalhos contemplando o ensino da leitura e da escrita em épocas diversas. No Brasil, os historiadores da educação desenvolvem pesquisas em diferentes regiões do país, que demonstram semelhanças e diferenças no tocante a finalidade e configuração deste ensino (Faria Filho, 1998). No estado de Minas Gerais, por exemplo, onde se localizava o Externato Nossa Senhora Auxiliadora, foi constatada uma uniformização do ensino da leitura. Segundo Klinke (2002), em fins do século XIX e na primeira década do século seguinte, houve em Minas uma uniformização do ensino e dos métodos que compunham o ensino da leitura e dos livros utilizados pelas escolas primárias do estado. Este processo se deve a um plano de reestruturação das mencionadas escolas, que tinham que se adequar ao modelo republicano de educação integral, ou seja, moral, intelectual e física. Neste contexto de mudanças, as escolas adotavam livros que estivessem de acordo com a nova proposta. No ano de 1892, foi instituído o Conselho Superior de Instrução Pública, que ficaria responsável pela escolha dos livros. A circulação destes seria fiscalizada pelos inspetores de ensino e também pelos diretores e diretoras dos Grupos Escolares, instituídos no ano de 1906. Como destaca a autora “criaram-se normas e convenções de leitura que definiram, para essa ‘comunidade de leitores’ [crianças, alunas das escolas elementares], os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da

interpretação” (KLINKE, 2002, p.01). Com base nesses dados, procura-se investigar também como este quadro mais geral afetou o ensino da leitura e da escrita no Externato, ou seja, como a produção de uma nova cultura escolar da leitura em âmbito estadual influenciou as práticas de leitura e escrita na instituição estudada.

Ainda sobre as mudanças ocorridas na educação mineira nas primeiras décadas do século XX, Klink (2003) menciona que foi construído um grande projeto civilizador da nação, cujo objetivo era educar a população de modo que o país pudesse avançar econômica, política, tecnológica, social, científica e moralmente. Desta forma, a elite intelectual brasileira elaborou a idéia de modernização do Brasil numa tentativa de produzir uma universalização cultural. Por este motivo, criou-se uma instituição escolar graduada, leiga e obrigatória, que difundisse um ensino homogêneo, especialmente no que tange às práticas de leitura e escrita. Um dos propósitos era inculcar nos sujeitos o hábito e o gosto pela leitura, através de instrumentos como determinação do tempo, espaço, métodos e materiais homogêneos para todo o Estado. Tais fatos mencionados pela autora, além de auxiliar no processo de compreensão da estrutura educacional mineira no início do século XX, ajudam, principalmente, a suscitar algumas questões acerca do ensino da leitura e da escrita no Externato Nossa Senhora Auxiliadora. Será que nesta instituição também havia a preocupação de inculcar nas crianças o gosto pela leitura e pela escrita? Se havia, que práticas eram utilizadas para atingir este intento? Quais finalidades educacionais estavam sendo atendidas?

Klink (2003), ainda afirma que, após todas as mudanças ocorridas no processo de ensino, foram produzidos materiais pedagógicos específicos para seu novo modo de sistematização. Alguns deles foram quadros-negros, cadernos e instrumentos de escrita, materiais de ensino, livros didáticos. Este fato está relacionado com a implantação do método simultâneo nas escolas. Será que esse método também foi implantado na instituição investigada?

Faria Filho (1998) menciona que, a partir da instituição dos Grupos Escolares, em 1906, os profissionais e agentes da instrução pública passaram a priorizar o “moderno”, identificado com as relações urbanas. Isto se refletia, por exemplo, na configuração do ensino da escrita. Os educadores passaram, nessa época, a adotar a escrita vertical. Eles almejavam com esse procedimento educar a postura corporal dos discentes, definir seus gestos, criar condições necessárias para um escrever saudável e higiênico, controlando de forma minuciosa o ato da escrita. Esse aspecto apresentado pelo autor também constitui mais um ponto de reflexão neste trabalho, isto é, será que as práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no Externato contribuíam para um processo de domesticação dos corpos? Como isto funcionava?

Os Salesianos

Para compreender as práticas educativas e, mais especificamente aquelas referentes ao ensino da leitura e da escrita, é necessário conhecer um pouco da história da Congregação Salesiana da qual faziam parte as irmãs que fundaram e administraram o Externato Nossa Senhora Auxiliadora. O fundador dos Salesianos chamava-se Giovanni Bosco, mas ficou conhecido mais tarde como Dom Bosco. Ele, de acordo com Bosco (1999), nasceu em 1815, nos Becchi, distrito de Castelnuovo, na Itália. Seu pai chamava-se Francisco Occhiena e sua mãe Margarida Occhiena. Eles se casaram em 1812 e tiveram dois filhos: José, que nasceu em 1813, e, dois anos depois, Giovanni ou João. Francisco, viúvo de um primeiro casamento, já tinha um filho, Antônio.

Dom Bosco que, ainda criança perdeu o pai vítima de uma pneumonia, decidiu ser sacerdote na juventude e em 5 de junho de 1841, foi ordenado. Depois da ordenação, entrou para o Colégio Eclesiástico de Turim e, de acordo com Meschiatti (2000), começou a visitar prisões de jovens infratores da região. Mais tarde, com intuito de oferecer educação religiosa e profissional a jovens de baixo poder aquisitivo, Dom Bosco cria um Oratório. Mesmo sendo criticado por muitas pessoas, conforme explicita Meschiatti (2000), Dom Bosco manteve o Oratório e o institucionalizou criando para tanto, em 1859, a Congregação Salesiana, que possui este nome em homenagem a São Francisco de Sales, santo de devoção de Dom Bosco, como aponta Bosco (1999). A pedagogia salesiana era e é baseada na fé e na valorização da religião católica e tem como um dos principais eixos a família. Outro pilar da mencionada pedagogia é o sistema preventivo. Esse consistia em educar os jovens buscando alcançar três metas: a santidade, a saúde e a sabedoria, evitando assim, os possíveis males, físicos e psíquicos, que pudessem acometê-los. Para alcançar estes objetivos eram necessários, para os salesianos, três elementos, que constituem o tripé de sustentação do sistema preventivo: a razão, a religião e a bondade. Meschiatti (2000) afirma que, de acordo com a lógica do sistema preventivo, através da razão seria possível ter bom senso, o que permitiria distinguir o bem do mal, o certo do errado. A religião ajudaria o jovem a ser uma pessoa mais madura, a tornar-se um bom cristão e um bom cidadão. Já a bondade, centro do sistema preventivo, significaria transformar em presença afetuosa e freqüente a ação do educador em meio aos alunos. A idéia era contrapor o sistema preventivo ao sistema repressivo, sustentado pela vigilância e pela punição.

Mais de mil padres foram formados na instituição criada por Dom Bosco. Esse também deu origem em 1872, juntamente com Maria Mazzarello, ao ramo feminino da Congregação Salesiana, ou seja, às “Filhas de Nossa Senhora Auxiliadora”, nome dado em virtude da devoção de Dom Bosco e Maria Mazzarello àquela santa. Maria Mazzarello nasceu em 09 de maio de 1837, em Mornese, norte da Itália e fundou com algumas amigas, na juventude, um grupo religioso chamado “Filhas de Maria Imaculada”, que tinha por objetivo ajudar meninas carentes, proporcionando a

elas educação religiosa e profissional, assim como fazia Dom Bosco com os garotos. Em 1864, ele e Maria Mazzarello se encontraram em Mornese. Oito anos depois, quando o Papa aprovou o projeto de Dom Bosco para fundar uma Congregação feminina, ele e Mazzarello concretizaram o projeto juntos, construindo uma instituição cuja finalidade era atender moças de baixo poder aquisitivo.

Todos os fatos mencionados anteriormente ajudam a compor um imaginário a respeito de Dom Bosco que foi construído ao longo do tempo por suas biografias. A que foi feita por Bosco (1999), por exemplo, apresenta um homem que, quando criança era brincalhão, esperto e com um forte espírito de liderança. Um sujeito que saiu de casa muito cedo, aos 11 anos de idade, e que enfrentou sérias dificuldades financeiras para estudar. Um homem que desde a mais tenra idade não media esforços para ajudar aqueles que precisavam e que tinha demasiada preocupação com os princípios morais. O fundador de uma Congregação norteadas por um sistema educativo baseado na fé católica, no amor, na bondade, na razão. Assim como construiu-se esta imagem de Dom Bosco, elaborou-se também uma representação de Maria Mazzarello, fundadora das “Filhas de Maria Auxiliadora”. Ela é descrita como uma moça que também, desde cedo, manifestou o desejo de ajudar o próximo, utilizando como instrumento a fé católica. Por tudo isso, algumas questões podem ser feitas: em que medida esses imaginários influenciaram a configuração do ensino da leitura e da escrita na instituição investigada? O sistema preventivo vigorava no Externato? De que maneiras?

DIRETRIZES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa trata da análise de um dos aspectos que compõe uma dada instituição escolar, por isso a investigação será realizada em uma escala microscópica, o que permitirá a revelação de fatos ainda não examinados e explorados (Levi, 1992). Analisar os mais diversos objetos, inclusive os fenômenos educacionais, em uma perspectiva micro ajuda a complexificá-los, descobrir e explorar diferentes nuances que eles podem apresentar.

A coleta de dados será realizada a partir, primeiramente, da leitura detalhada das crônicas escritas pelas Irmãs Salesianas, desde a fundação do Colégio, nas quais relatam seu cotidiano e práticas de ensino. As crônicas, como afirma Monteiro (2004), são produzidas a partir de um processo de seleção de fatos cotidianos realizado pelo cronista, com o objetivo de construir uma interpretação da realidade. Ao pesquisador cabe o papel de problematizar neste tipo de fonte os recortes temáticos, a temporalidade, a presença da subjetividade do cronista. Elas são importantes na medida em que a partir de seus conteúdos é possível pensar a respeito do tempo narrado e do tempo vivido pelo cronista, bem como “...problematizar as pontes entre a percepção subjetiva do cronista e a construção

social de explicações sobre o tempo presente e sua relação com o passado...” (MONTEIRO, 2004, p.82). Contudo, como menciona Le Goff (1986), estes e outros documentos não podem ser analisados como verdadeiros e inocentes. Por isso, é necessário confrontá-las com outras fontes. No caso deste trabalho, as informações coletadas nas crônicas serão comparadas àquelas obtidas em narrativas históricas elaboradas pelas Salesianas, em arquivos que contenham as memórias de professores e ex-alunos, na documentação gerada pelo Colégio e em dados sócio-demográficos. Fotografias da instituição e dos alunos também serão analisadas. Sobre este tipo de fonte Vidal e Abdala afirmam que “na sua acepção, a fotografia é um artefato humano e uma mensagem. Ao mesmo tempo em que resulta da incorporação de um ponto de vista social e de uma apropriação tecnológica, como trabalho humano, possui um caráter conotativo. É, portanto, uma construção de sentido radicalmente histórico”. (2005, p.4)

RESULTADOS PARCIAIS

O Externato Nossa Senhora Auxiliadora, uma instituição pública do estado de Minas Gerais, foi criado em 7 de março de 1904, por Irmãs da Congregação Religiosa Salesiana, com a finalidade de atender a crianças dos meios populares. É importante mencionar que padres da Congregação Salesiana já se encontravam em Cachoeira do Campo desde novembro de 1893, quando fundaram uma Colônia Agrícola, chamada Cesário Alvim, que atendia jovens das camadas mais abastadas da região.

O Externato, a princípio, funcionava ao lado da Matriz Nossa Senhora de Nazaré, na parte central do distrito de Cachoeira do Campo, visto que as Irmãs, desde sua chegada estavam hospedadas na casa paroquial da referida matriz⁷. Elas haviam sido abrigadas pelo pároco da região, Padre Afonso de Lemos, responsável por uma instituição escolar pública, onde as irmãs também lecionaram. Neste período, é importante mencionar, Cachoeira do Campo estava imersa em um contexto econômico decadente, consequência do declínio do Ciclo do Ouro. O distrito era um dos principais pólos fornecedores de gêneros alimentícios para a cidade de Ouro Preto, nos séculos XVIII e XIX. Com o esgotamento das minas, Ouro Preto diminuiu sensivelmente o consumo dos gêneros fornecidos pelo distrito (Ramos, s/d).

Na instituição, inicialmente, funcionava apenas uma classe masculina. Algum tempo depois, foram abertas mais classes masculinas e uma feminina. As professoras que lecionavam nessas classes eram, a princípio, todas as irmãs da Congregação. Apenas mais tarde, professoras leigas passaram a compor o quadro docente da instituição. Em relação ao sistema de avaliação do externato, sabe-se que havia

⁷ Todos estes dados foram obtidos através de um histórico do Colégio fornecido pela própria instituição em uma das visitas exploratórias que foram feitas.

exames semestrais e finais, estes últimos eram aplicados pelo inspetor escolar. Em 1911, é iniciada a construção de um novo prédio para abrigar a instituição. Em 29 de março de 1913, a construção fica pronta e a instituição muda de endereço. Em 1915, ela torna-se um internato para meninas.

FONTES

Externato Nossa Senhora Auxiliadora. *Resumo Histórico – 1904 – 1996*.

RAMOS, Lúcio Fernandes. *Cachoeira do Campo: a filha pobre de Ouro Preto*. Belo Horizonte: São Vicente, s/d.

Sobre Madre Mazzarello. In: www.auxiliadora.g12.br/mazzarello.htm. Consultado em: 12/03/2007.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria. *Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte, 2004. (Projeto de pesquisa).

BOSCO, Terésio. *Dom Bosco: uma biografia nova*. 5.ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1999.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p.7 a 37.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 02, n. 02, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). *Modos de ler formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GATTI JÚNIOR, Décio. A história das instituições escolares: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza (org.); GATTI JÚNIOR, Décio (org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação brasileira*. Uberlândia: Edufu; Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GONÇALVES, Irlen Antônio. *A cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)*. 2004. (Tese de Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, nº 1, p.9-43, jan./jun., 2001.

KLINKE, Karina. *Uniformização do ensino da leitura: uma combinação de métodos e livros*. In: 25ª Reunião Anual da ANPED, 2002, Caxambu. Educação: manifestos, lutas e utopias, 2002.

KLINKE, Karina. *A escolarização da leitura no ensino graduado. Minas Gerais, 1906-1930*. 2003. (Tese de Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a historia: entrevista de Francesco Maiello*. Lisboa: 1986.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p.133-161.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz. *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados: Histedbr, 1998.

MESCHIATTI, José Eduardo. *O sonho da moral: presença salesiana em Campinas*. 2000. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: São Paulo, 2000.

MONTEIRO, Charles. *Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)*. Revista História Unisinos, v.08, nº 10, jul./dez., p. 81-96, 2004.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales : a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. *História das disciplinas escolares: perspectivas de análise*. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 02, n. 02, 1990.